

# A Segunda Grande Guerra na Península da Itália (Sinopse) – 2ª parte: final

*Ruy Leal Campello\**

## **AÇÕES PRELIMINARES PARA A OFENSIVA**

**A**s posições ou disposições dos Exércitos Aliados, por ocasião da mudança dos respectivos comandos, e as ordens superiores vigentes foram motivo de minuciosos estudos. O Gen Truscott, Cmt do V Ex, e o Gen Mac Creery, Cmt do VIII, não concordavam totalmente com as decisões anteriormente estabelecidas visando à reabertura das operações ofensivas com a chegada da primavera.

O estudo do terreno mostrava as vias de acesso a Bolonha: as auto-estradas 64 ao longo do Rio Reno e 65 que do Passo di Futa apontava diretamente para o Norte. Ambas cortavam os setores, então, afetos ao V Exército. A auto-estrada nº 9, por seu turno, atravessa o território italiano, do Adriático, a partir de Rimini, e segue de sudeste para noroeste, ligando Faenza, Imola-Bolonha-Modena, cortada pelos cursos dos rios Santerno-Sillaro-Reno-Panaro. A descrição abrange, apenas, a região que in-

teressa diretamente a fase do reinício das operações no Vale do Pó.

A decisão de atacar, a cavaleiro da estrada 65, isto é, aproveitando o caminho mais curto para Bolonha, não agradava Truscott que preferia a ação principal desencadeada a oeste da estrada 64, ao longo das alturas que dominam o Reno, pois julgava importante aproveitar a fraqueza do dispositivo inimigo a leste da estrada 64, ao contrário da estrada 65, fortemente defendida. Além dessas considerações, a posse das alturas Maciço Belvedere-Torraccia permitiria a utilização da estrada 64 e evitaria a exposição do flanco da 6ª DB (Sul-Africana). A peça mais importante para a execução da linha de ação adotada pelo Gen Truscott seria a 10ª DIMnth, recentemente chegada ao TO.

O V Ex contava, portanto, com o reforço de uma nova GU – a 10ª DIMnth que chegara à Itália no início de janeiro e fora designada para ocupar a região de Vidiciatico-Bagni di Lucca, setor calmo, a leste das encostas que vão ter a Monte Belvedere.

\* General. Veterano da Força Expedicionária Brasileira – FEB.

Esta GU fora aceita pelo Gen Clark, antes de deixar o Cmdo do V Exército. Tinha recebido treinamento especial para operações em terreno montanhoso. Seus homens possuíam grande preparo físico, estando aptos a enfrentar baixas temperaturas – a neve, o frio e os ventos gelados não seriam obstáculos. Ademais, seus quadros possuíam os mais elevados índices de formação escolar, além de grande número de profissionais e esportistas na arte de esqui- ar. Consta que o Gen Bedell Smith, chefe do EM de Eisenhower, ao estudar seu QQ (Quadro de Organização) não a teria aceito e dissera: “Todos esses muares? Coisa de louco, não!” Entretanto, o emprego dos muares tinha sido importante e essencial para assegurar o suprimento das tropas nas alturas Apeninas, durante toda a campanha!

O Cmt da 10ª DIMnth, Gen Hays, ao assumir o Cmdo da GU, ainda nos Estados Unidos, imprimiu a todos vigoroso estilo de comando e de sua longa experiência de chefe, comprovados desde o início de sua carreira. Servira na Primeira Guerra Mundial (Marne), combatera em Monte Casino e comandara a Artilharia Divisionária, em Omaha Beach. A Divisão de Montanha tinha, pois, um comandante à altura do desempenho que lhe estaria sendo reservado para o desencadear da ofensiva da primavera.

Tendo em vista o cumprimento dessa importante decisão, foram tomadas pertinentes medidas preliminares para o desencadear da operação. As GU do V Ex e VIII Ex tinham podido recuperar suas forças, recompletar os claros existentes, além da revisão quanto ao aprimoramento da instrução dos quadros. Havia, então, nos depósitos de pessoal, efetivos que permitiam a realização dos recompletamentos necessários.

O inverno rigoroso passara e dava lugar agora ao degelo. Surgiam os lamaçais. Nos pontos mais altos das montanhas havia neve e, nos grotões das elevações e ravinas, extensos espaços de neve endurecida e cortante que castigavam os combatentes. O moral da tropa e sua disposição eram excelente, alimentados ambos pelas notícias do desenrolar vitorioso das operações nas frentes do TO da Europa.

O Gen Hays recebe ordens do Gen Truscott para o início da ação ofensiva e determina o reconhecimento das alturas que divisava à frente do Setor da 10ª DIMnth: Capell Buzzo-Pizzo di Campiano-Belvedere-Gorgolesco. Foram procurados caminhamentos que permitissem escalar o corte do Riva e Pizzo di Campiano. Inicialmente, os resultados ofereceram informações negativas. Entretanto, o Gen Hays insistiu e os novos reconhecimentos mostraram que seria possível a operação de escalada das alturas, não obstante o grande perigo existente pelo amplo domínio dos observatórios do inimigo e a falta de experiência da tropa atacante. Tais óbices não demoveram o Gen Hays que decide desencadear a operação de surpresa e à noite. Utilizando cordas e demais meios necessários à escalada das alturas, em 18 de fevereiro, os montanhesees surpreendem o inimigo e, sem nenhuma baixa, dominam o Rivaridge. Os violentos contra-ataques alemães não conseguem sucesso. Na região do Pizzo di Campiano é grande a reação alemã, mas os americanos mantêm a posição. O ataque prossegue com a escalada de Monte Belvedere-Gorgolesco. Em 19 de fevereiro, os batalhões dos 87º e 85º RI e mais o 8º/86º RI progridem visando Gorgolesco-Torraccia, alturas que se constituem no primeiro objetivo (O<sub>1</sub>), da Operação Encore.

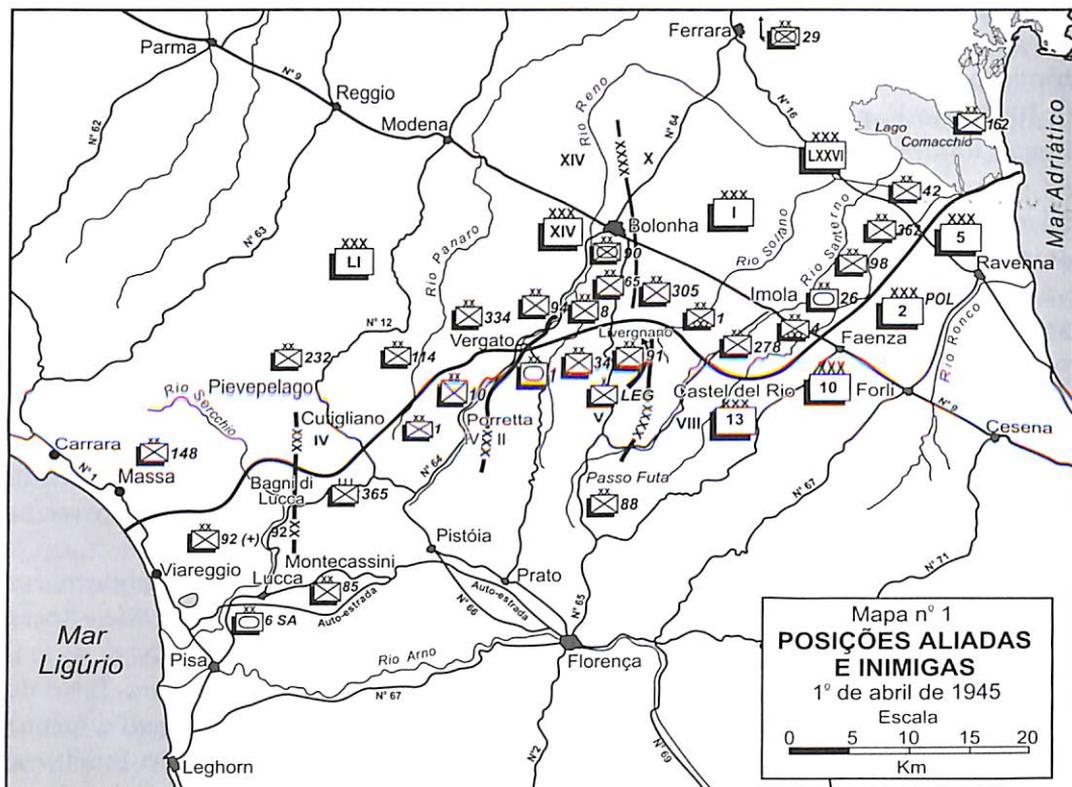
A 1ª DIE (FEB) está encarregada ou tem a missão de atacar Monte Castelo, cobrindo o flanco do dispositivo de ataque da 10ª DIMnth, prosseguindo a seguir na direção nordeste. A reação inimiga é grande, porém a linha do Vale do Dardgna-Belvedere-Corte do Riva estava segura. As alturas de Monte Belvedere são ocupadas e a ofensiva tem prosseguimento, não obstante o bombardeio de artilharia e morteiros. A região de Mazzancana é ocupada e, na manhã de 21 de fevereiro, os batalhões de infantaria brasileiros partem para atacar Monte Castelo, cobrindo o flanco da 10ª DIMnth, que combate para dominar Torracia. Os suprimentos da tropa atacante são realizados utilizando, durante a noite, comboios de muares. O 1º BI do Regimento Sampaio, reforçado pela 5ª/2ª BI, ataca Monte Castelo progredindo na direção Mazzancana-Monte Castelo e, simultaneamente, o 3º BI investe a elevações em direção convergente. Resistências isoladas são anuladas. Na direção Abetaia-Vale, o 11º RI ataca em cobertura do flanco leste. Ao cair da tarde de 21 de fevereiro, apesar dos bombardeios de artilharia e morteiros, o 1º BI (+ 5ª Cia) do Regimento Sampaio coroa o objetivo, sofrendo baixas. Ligeiro cruzamento com elementos desgarrados da 10ª DIMnth causa dificuldade, mas é logo sanado o impasse. Os atacantes percebem a necessidade de consolidar as posições aproveitando a luz do dia que já vai oferecendo pouca visibilidade. É a noite que vai chegando... Em Torracia, o inimigo ainda resiste. Monte Castelo está em poder das tropas brasileiras! As companhias de fuzileiros (1ª, 2ª e 5ª) consolidam suas posições, organizam o terreno, cavando abrigos individuais (*fox holes*).

Nas duas jornadas seguintes, as posições ocupadas pelos brasileiros sofrem baixas. O 2º BI/1º RI prossegue o ataque a leste de Monte Castelo. A progressão, partindo de De La Caselina consegue ocupar Bella Vista e La Serra, a leste de La Torracia, o que determina e facilita a ação final da 10ª DIMnth sobre Torracia. A operação foi realizada com grande esforço e determinação. O inimigo reagiu tenazmente causando baixas.

A Força Aérea aliada, incluindo aí o Grupo de Caça brasileiro, desencadeia pesados ataques às posições inimigas. Torracia é, afinal, ocupada. Os alemães tentam ainda, durante duas jornadas, recuperar as posições, porém sem resultado.

Os batalhões brasileiros substituem, em 28 de fevereiro, o 87º RI em Belvedere-Rocca Corneta. Os americanos substituem os brasileiros ao norte de De La Caselina. Em 3 de março, a 10ª DIMnth prossegue o ataque no corredor entre duas unidades brasileiras, pouco ao sul de Vergato, atingindo Monte Terminale. A ação ofensiva da 10ª DIMnth continua em ritmo contínuo, vencendo resistências isoladas entre Rocca Pitigliana e o Reno. A DIE (FEB) executa manobra ofensiva na direção noroeste visando Castelnuovo, que é ocupada, e prossegue a oeste da Estrada 64 na direção de Vergato. Em 5 e 6 de março, a DIMnth atinge Castel D'aiano e La Spé e rechaza os contra-ataques alemães.

O amplo movimento N-Ne (Norte-Nordeste) conseguira a posse das alturas que dominavam o Vale do Reno. O Gen Hays deseja continuar a ofensiva, entretanto o Cmt do V Ex, Gen Truscott, determina um alto para evitar que o Gen Von Vietinghoff, alertado pela manobra desencadeada, decidisse barrar a estrada 64, como fizera com a 65. Os alemães ainda resistiam, mas da-



Situação dos Exércitos Aliados (1º de abril, 1945) – Fonte: U.S. Army (T. Brooks)

vam sinais de fraqueza. O número de prisioneiros era muito grande. Em três dias, a 10ª DIMnth fizera 1.200 prisioneiros e perdera 203 mortos, 686 feridos na primeira fase da operação. Na 2ª fase, as baixas atingiram 107 mortos, 417 feridos e 27 desaparecidos.

O inimigo estava cedendo linha após linha do terreno e agora a 10ª DIMnth achava-se desdobrada em arco, face a Castel D'aiano-Monte De La Spé e seu ponto mais avançado era Tolé. Ocupadas essas alturas, o caminho para o Vale do Pó estaria aberto.

As tropas da DIE (FEB), logo após, são deslocadas para o flanco esquerdo da 10ª DIMnth. Os alemães mantinham ainda as posições defensivas no arco constituído de Monte Grande D'aiano até as alturas que

contornam a estrada 65. As modificações do dispositivo visavam a equilibrá-lo, a fim de facilitar o prosseguimento da ofensiva.

## A OFENSIVA

Vencidas as resistências iniciais, as GU do V e VIII Ex aguardavam ordens para a ofensiva final. Os generais Alexander e Clark reúnem os Cmts Ex e respectivos estados-maiores para coordenação dos planos de ataque. O inimigo devia ser destruído. A questão do esforço principal ainda suscitava dúvidas quanto à prioridade das operações a oeste da estrada 64. O VIII Exército tivera seu efetivo reduzido em conseqüência de transferência do Corpo canadense.

O Gen Truscott julgava que o esforço principal deveria caber ao V Ex e que deveria ser explorada a fraqueza do dispositivo alemão a oeste da estrada 64. Afinal, Mac Creery e Truscott contornaram os pontos conflitantes sem deixar de atender às diretivas de Mac Clark.

O VIII Exército desencadearia a ofensiva em 9 e 10 de abril após transposição do Santerno, e, então, ficaria em condições de prosseguir para noroeste em apoio ao V Exército que visaria Bolonha, abrindo o caminho para o Rio Pó. Em seguida, o VIII Exército atuaria na direção nordeste (Argenta-Ferrara), onde se encontrava a última linha das defesas alemãs.

O V Exército partiria ao ataque em 13 de abril para capturar ou isolar Bolonha e desembocar no Vale do Pó. O Gen Truscott deveria unir-se ao VIII Exército o mais cedo possível, a fim de que o cerco das forças alemãs fosse realizado ao sul do Rio Pó. A travessia do rio seria, então, levada a efeito na região de Verona.

Importante ocorrência que merece registro colocou em grande dificuldade os comandantes do TO e dos exércitos, empenhados na montagem da grande ofensiva. Notícias chegadas à frente davam conta das decisões resultantes da Conferência de Yalta. Roosevelt, Stalin e Churchill tinham decidido entregar a Polônia à Rússia, não tendo surtido efeito os apelos e observações colocados por Churchill.

Nessa altura dos acontecimentos, o Gen Waldislaw Anders, comandante do Corpo Polonês, envia missiva ao Gen Mac Creery cujos termos patéticos causam verdadeiro impasse. O Gen Anders, em resumo escreveu: "Marchamos centenas de milhas juntos para combatermos grandes batalhas.

Sofremos milhares de baixas. Acabáramos de sofrer a tortura dos campos de concentração russos e enfrentamos a seguir o fragor da batalha. Esperávamos, um dia, regressar aos nossos lares. De repente, sem nenhuma consulta, somos informados que não temos mais um lar para nos receber." O Gen Anders reuniu-se com Alexander, Clark e Mac Creery para mostrar que, em virtude dos acontecimentos, não poderia arriscar a vida de seus homens sem nenhum objetivo.

Os comandantes tiveram dificuldades para argumentar. Clark dissera a Anders que os poloneses poderiam ter uma esperança em Roosevelt. Alexander mostrava que os ingleses desejavam uma Polônia livre e independente, pedindo a Anders paciência. Clark acrescentava que sabia da grande confiança dos poloneses em seu comandante e que eles o seguiriam em quaisquer circunstâncias.

O Gen Anders acrescenta, então, que esperava de Mac Creery a apresentação das mesmas razões para convencê-lo. Entretanto, a linguagem ou argumentos de Mac Creery foram completamente diferentes. Usara a "franqueza e a linguagem de soldado para soldado". "Ele simplesmente dissera que, se Anders retirasse o Corpo polonês, haveria uma brecha na frente do VIII Exército de 10 milhas e que não existiam tropas para substituí-lo. Pediu, então, ao Gen Anders que se colocasse em seu lugar e sugerisse como resolver o impasse."

O Gen Anders sentiu-se tocado pela franqueza e sinceridade de Mac Creery, conhecedor que era da situação e das dificuldades do VIII Exército. Além dessas razões, considerava que a retirada dos poloneses poderia comprometer a vitória final e também prejudicar a luta pela independência da Polônia. "De coração, disse ele, senti o

que devia fazer e respondi a Mac Creery que continuaria a combater.”

Vencidos esses detalhes, vejamos o que se passava do lado alemão. A situação era bastante delicada após a chegada da primavera. O Gen Vietinghoff, que substituíra Kesselring era considerado entre os melhores generais alemães. Suas divisões ainda possuíam condições de combater. O moral alemão, entretanto, não era o mesmo do início da campanha. De outra parte, o sacrifício que lhes estava sendo imposto pelas ordens de Hitler encontrava, apenas, justificativa como uma reação contra as destruições que estavam sendo causadas pelos arrasadores bombardeios aéreos em sua pátria.

A frente de combate, à medida que se progredia para o norte, alargava-se devido à geografia da “bota italiana”. Os efetivos empregados nas linhas de defesa anteriores eram, agora, insuficientes pelo alargamento da frente. A defesa tornava-se mais fluida. Vietinghoff, para contornar a dificuldade, buscava deter o inimigo na linha Alpina e apoiado no Adige. O Gen Jodl, Chefe de EM das operações, em telegrama, transmitira ordens de Hitler para a resistência até o final.

Em 5 de abril, o V Ex desencadeia ataque diversionário, com apoio de fôlego naval na costa da Liguria e captura Massa. A operação obrigara o deslocamento de reservas alemãs que fariam falta no setor leste. Vietinghoff recua da linha do Rio Senio para o Santerno, na frente do VIII Exército. Ao mesmo tempo, o Gen Truscott, Cmt do V Exército, estava desencadeando operações preliminares para a ofensiva da primavera, em amplo movimento na direção norte e nordeste, dominando as alturas

Belvedere-Torraccia e chegara ao sul de Vergato, a oeste da estrada 64.

A Força Aérea Aliada ataca constantemente pontos críticos à retaguarda e até a frente da LC (Linha de Contato). Vagas sucessivas de aviões, por quase uma hora, enchem os céus da frente dos Exércitos e, quando tudo indicava que os bombardeios haviam cessado, voltam a atacar. Após a ultrapassagem do Senio, tenazmente os alemães procuram deter os atacantes. Em 11 de abril, as margens do Santerno são forçadas e, na jornada seguinte, em 12 de abril, além do rio, Massa é alcançada. Poloneses e neozelandeses empenham-se em luta cruenta. A Infantaria aliada mostra seu valor e, em 14 de abril, os poloneses atravessam o Santerno ao longo de toda a frente.

À retaguarda das posições inimigas, extensas colunas de viaturas, inclusive hipomóveis, transportam tropas alemãs que procuram escapar de Massa-Lombarda que é ocupada ao anoitecer. Os alemães agarram-se, então, para deter o avanço do VIII Exército, na linha do Silaro.

### ATUAÇÃO DA FEB

Vejamos, pois, a atuação positiva da FEB nessa fase da campanha, que marca o início da ofensiva da primavera.

Atuando em cobertura da 10ª DIMnth, a FEB conquistara Monte Castelo-Bella Vista-La Serra. Rocada para as alturas de Belvedere-Ronchidos, substituíra os batalhões da 10ª DIMnth e progredira decisivamente entre as unidades montanhosas entrando em Castelnuovo. No final de março, engaja-se nos preparativos para a ofensiva e vai ocupar posição nas alturas ao sul de Montese-Campo del Sole-Sassomolare

Sassobaldino-Nuvoleti. A ocupação é realizada em substituição aos batalhões do 365º RI/92ª DI e da 1ª DB. A tropa pertencia à 92ª DI, grande unidade que fora reorganizada, após os combates de Natal, no Vale do Serchio.

As observações que incluímos são mais aproximadas no que respeita à região sudeste de Montese-Sassomolare, ocupadas pelo 2º Batalhão do Regimento Sampaio. As posições permitiam-nos observar as alturas que, pelo norte e nordeste, dominavam o compartimento e o ponto mais importante, a oeste-Montese, verdadeira cidadela.

O dispositivo da FEB estava integrado pelo 11º RI, com dois batalhões ao sul e sudoeste de Montese. A seguir, na região de Campo del Sole se encontravam as 5ª e 4ª Cias. Na região de Sassomolare estava a 6ª Cia e, no seu flanco leste, as alturas de Sassomolare-Monte Grande D'aiano-Nuvoleti eram ocupadas pelo 3º BI do Regimento Sampaio.

Da região de Campo del Sole, onde estão situadas as posições da 5ª Cia, próximas ao PC do 2º BI, em Tamburini, podíamos ter uma visão da frente, a partir do leste de Montese-Região Cemitério-Latorre, alturas e encostas de Montelo-Montebuffone, mais a leste Sassobaldino. Essas alturas são cortadas pela Torrente do Gea. O quadro que divisamos é observado com cuidado e emoção. Nos pontos cotados e dobras do terreno estarão, certamente, localizadas resistências inimigas e nos caminhamentos existirão, sem dúvida, minas.

É oportuno recordar que o Cmt da FEB, Gen Mascarenhas, por ocasião da reunião dos comandantes de GU, no QG/IV CEx, quando eram determinadas as missões para o desencadeamento da ofensiva, ao sentir as preocupações do Gen Hays,

Cmt da 10ª DIMnth, quanto a possibilidade de deslocamento de reservas inimigas que poderiam ameaçar a progressão de sua GU, solicitara ao Gen Crittenberger, Cmt IV CEx, autorização para atacar a região de Montese-Montello. A ação da 1ª DIE anularia, então, as preocupações do Gen Hays, pois atrairia o inimigo e possibilitaria mais segurança para a 10ª DIMnth. A intervenção do Gen Mascarenhas foi positiva e colocou a FEB em alto conceito dentre as GU do IV CEx, ainda que o esforço a ser desencadeado aumentasse as responsabilidades da 1ª DIE.

Na jornada de 12 de abril, informações de movimentação de reservas inimigas fazem supor que se destinavam a reforçar a frente ou, então, estariam em retirada. Tais informações têm como consequência ordens para verificação de sua veracidade. Patrulhas são enviadas ao longo de toda a frente ocupada pelos batalhões do 11º RI e 1º RI. Na região do ponto 747 sudoeste de Le Pore, o sgt Max Wolf, Cmt da patrulha do 11º RI é abatido, havendo mais três mortos e três feridos do efetivo. Momentos de emoção vivem seus comandantes imediatos. O sgt Wolf vinha de há muito se destacando como homem destemido e resoluto. À luz do dia e sob intensa reação inimiga, o seu corpo é transportado à retaguarda da LP (Linha de Partida). No ponto cotado 759 a oeste de Montaurigola, o Ten Iporan enfrenta o inimigo, porém, agindo com calma e sangue-frio, consegue regressar às suas posições sem alteração. Na região do Cemitério (Sudeste de Montese), outra patrulha da 5ª Cia do 2º/1º RI ocupa posição em missão de observação. Ao regressar, mediante ordem, é submetida a cerrado fogo de armas automáticas e morteiros, partindo

de La Torre. O sgt Cmt Godoy e o cabo (Soares) são feridos, havendo mais três mortos e um desaparecido. As reações do inimigo às investidas de nossas patrulhas em toda a frente vêm comprovar sua disposição de defender suas posições.

Os comandantes de TO, Ex, CEx e GU (DIE) lançam proclamações à tropa anunciando a ofensiva e a disposição aliada de destruir o inimigo e varrer os exércitos alemães da Itália, encerrando a cruenta campanha. No auge das preocupações, os Aliados recebem a infausta notícia, a 12 de abril, do falecimento do Presidente Roosevelt, grande líder da democracia e do povo americano. A notícia, como era natural, causou geral consternação, porém as ordens expedidas não sofreram solução de continuidade, ressaltado ainda mais o recebimento das proclamações dos Comandos Aliados.

As jornadas de 14 a 17 de abril são palco dos mais emocionantes momentos da luta. Há um sentimento de confiança e determinação em todos os escalões. Os regimentos de Infantaria da FEB, o 1º, 6º e 11º RI, têm, uma vez mais, oportunidade de mostrar o valor do soldado brasileiro. Na manhã de 14 de abril, a Força Aérea Aliada atua no setor do IV CEx e demais objetivos do V Ex, seguindo-se intenso bombardeio e preparação da Artilharia. Ante tal intensidade e volume de fogo, tudo leva a crer que o inimigo não resistiria. Entretanto, tal não aconteceu.

Após os ataques da Força Aérea e a preparação da Artilharia, a 10ª DIMnth parte para o ataque visando Bocca Dei Ravari, enquanto a 1ª DB, às 14 horas, procura alcançar Roca Di Roffeno, ambas as alturas situadas a leste das posições ocupadas pelo 3º BI do Regimento Sampaio.

A 1ª DIE (FEB), após preparação de Artilharia, desencadeada sobre Montese e alturas adjacentes, ocupa alturas mais à frente de suas posições. Os batalhões do 11º RI executarão o esforço principal da operação. O 1º Batalhão enfrenta Montese e à sua direita o 3º Batalhão. O 1º Batalhão parte da linha do terreno de alturas Maserno-802-806-Montaurigola e o 3º BI de Campo del Sole, visando atingir Montese-Doccia-Cota 726 (flanco oeste) e Serreto-Paravento. Os pontos cotados 778-Creda e Possessione-758 seriam enfrentados pelo 2º BI/1º RI. O objetivo final, vencidas as resistências apontadas, seria coroadado com a ocupação das alturas ao norte e nordeste de Montese: Montebuffone e Montello com elevações de mais de 900m e que dominam o compartimento de ataque.

A operação é desencadeada. Os pelotões da 1ª Cia/11º RI atingem as cercanias de Montese. O Pel Iporan enfrenta o objetivo a oeste, enquanto o Pel Rauen progride a leste da localidade. A resistência alemã é grande e desorganiza o Pel Rauen que é abatido e perde ligação com a retaguarda. O Pel Iporan, ao que tudo indica, está sob controle.

O 3º BI/11º RI atinge região 749-NWCassone, enquanto os pelotões da 4ª Cia e 6ª Cia/1º RI enfrentam 773-Creda-Possessione-750. As resistências inimigas batem os atacantes e há muitas baixas. Às 10h30min, nova preparação de Artilharia é desencadeada em toda a frente, em particular sobre Montese. O espetáculo do bombardeio é impressionante! O solo estremece e intensa nuvem de fumaça cobre a região.

Às 12 horas, o ataque é desencadeado em toda a frente. Na região de Montese, o Pel Iporan consegue penetrar na localida-

de e a notícia de seu sucesso chega à retaguarda quase que inseparadamente, solicitando suspensão dos fogos de artilharia que batem a localidade. Reforços de sua Cia e Pel Ten Malheiros, tendo à frente o Cap Cmt (Cap Sidney Teixeira Alvares), são enviados. Os remanescentes do Pel Rauen, que fora abatido, são recuperados. A limpeza da localidade é realizada. Há prisioneiros alemães que não conseguem retrair e são encaminhados à retaguarda.

A leste de Montese, as resistências alemãs não cedem e batem com seus fogos ajustados os pelotões Mega (773) e Amorim (Creda). Ambos, jovens e destemidos oficiais, que haviam sido incluídos no regimento em fevereiro e tinham se desincumbido de suas missões com destaque. O Asp Mega, em 773, é vitimado e, até o último instante, concita seus comandados a continuarem o combate. Mais adiante, em Creda, o jovem Ten Amorim, gravemente ferido em ambas as pernas, é socorrido pelo bravo padioleiro, cabo Melo, e se recusa a deixar a posição, o que só acontece em consequência da atuação do próprio comandante do Batalhão, Major Syseno, que com seu habitual tato e conhecimento de seus comandados, determina ao sargento auxiliar que faça transportar à retaguarda o bravo tenente.

Na região de Possessione encontra-se o Ten Rosa. O 2º Ten Urias lutando para ocupar 778, afinal, reúne seus homens aos dois pelotões (Mega e Amorim), demonstrando também calma e coragem, inclusive para retirar seu padioleiro Wilson Bonfim que jazia em campo de minas, próximo ao local onde se abrigavam os homens de seu Pelotão. Mais a leste, a 6ª Cia tem seus pelotões Apolo e Chaon nas alturas

sul de 750-745, enfrentando também fortes resistências.

Ao final da jornada de 14 de abril, os resultados obtidos foram parciais. O inimigo ainda resistia. As baixas haviam sido grandes. Muitos prisioneiros foram feitos. Mas Montese, a cidadela que dominava a região, estava nas mãos do 11º RI! O ataque, entretanto, devia prosseguir na jornada de 15 de abril após os necessários reajustamentos.

Nas jornadas de 15 e 16 de abril, o 3º/11º RI parte para conquistar Montebuffone e Montello. As resistências de Il Serreto-Paravento oferecem cerrada defesa. Os carros-de-combate americanos em apoio acabam sendo dispersados. Na encosta sul de Montebuffone pode-se ver um dos carros avariado. O 3º/11º RI sofre grande desgaste e em 16 de abril, um BI do 6º RI é lançado em prosseguimento do ataque, mas apenas a 7ª Cia do Cap Hélio Portocarrero consegue articular-se. O Cap Hélio é ferido e os resultados obtidos não são definitivos.

O Gen Mascarenhas, acompanhado de oficiais de seu estado-maior, observa o desenrolar dos combates das alturas de Sassomolare, ocupadas pela 6ª Cia do 1º RI. A 5ª Cia fora deslocada para essa região, visando reforçar a 6ª Cia ou prosseguir para conquistar os objetivos designados para a referida subunidade. Retirando-se o Gen Cmt DIE com seu estado-maior, o inimigo bate a região. A 5ª Cia sofre baixas e retorna a Il Monte já ao anoitecer para reforçar o ataque da 4ª Cia, previsto para a jornada seguinte.

Na jornada de 17, o ataque é suspenso. O inimigo abandonara as posições. A frente defensiva inimiga fora rompida e o IV CEx, com a 10ª DIMth e DB projeta-se

para o norte em decisiva perseguição visando aprisionar ou destruir as GU alemãs.

O resumo apresentado visou destacar a participação da FEB na operação ofensiva que mereceu destaque do Cmt do IV CEx, Gen Crittenberger. De outra parte, a página de Montese demonstra o valor do soldado brasileiro. Os três regimentos de Infantaria engajaram-se na batalha. O 11º Regimento teve a primazia na tomada da localidade de Montese. Em tudo, porém, sobreleva o valor de nossos jovens tenentes de Infantaria, Iporan, Rauem, Malheiros, Amorim, Mega, Urias, Chaon e Apolo. Outros nomes poderiam ser apontados, mas, a essa altura do tempo, a memória não colabora. Os nossos bravos sargentos, tendo à frente Max Wolf, o herói de Le Pore, são exemplos que podem e devem ser apresentados às novas gerações. O soldado brasileiro cumpriu seu dever!

Seria injustiça, porém, não mencionar os nossos bravos capitães, comandantes de subunidades dos nossos três regimentos, que conduziram seus homens com destemor, enfrentando as difíceis situações de combate com calma e sangue-frio.

## NO VALE DO PÓ

Em 13 abril, as condições de teto não favoreciam as operações da Força Aérea em virtude da forte neblina. O planejamento do ataque do V Ex visava a empregar, inicialmente, o IV CEx para capturar as alturas que, pelo norte e nordeste de Castel D'Aiano, constituíam a Linha Verde. Essas alturas, Monte Della Spe-Rocca di Roffeno-Monte Pigna-M.Delle Croce-M.Mantino, formam um verdadeiro arco de altitudes médias de mais de 800m e,

no extremo nordeste, surge Tolé, verdadeiro nó de comunicações que, uma vez ultrapassado, abre caminho para Vergato e daí para o Vale do Pó.

Vencidas essas resistências, tendo à vanguarda a 6ª Divisão Blindada Sul-africana, o II CEx avançaria juntando-se ao IV CEx. As condições de teto vinham interferindo na abertura das operações. Finalmente, às oito horas de 14 de abril, Truscott ordena o início da operação. Como noticiamos, ondas sucessivas de aviões, caças e bombardeiros, enchem o céu procurando bater e destruir as instalações, pontos críticos e até a própria linha de contacto, onde neozelandeses e poloneses são vitimados, porém a 10ª DIMnth e 1ª DB partem ao ataque.

O flanco oeste do dispositivo é assegurado pelos regimentos de Infantaria da FEB que se batem com galhardia, enfrentando Montese e alturas a nordeste da localidade. No flanco leste, a 1ª DB ataca a oeste de Bocca Dei Ravari.

A preparação da artilharia era impressionante, completando o apoio da Força Aérea. Cerca de duas mil peças de artilharia de todos os calibres batem a frente. Tinha-se a impressão de que o inimigo não resistiria. Entretanto, ele aguardava em suas posições, pronto a combater os atacantes.

Os três regimentos da 10ª DIMnth lutam decididamente e ultrapassam Monte Pigna, já próximo à região de Tolé, cuja posse permitirá o avanço através do Vale do Pó. Os brasileiros da FEB lutam com decisão a oeste, enquanto a 1ª DB toma Monte Pero. O número de baixas é grande em ambos os lados. Ao entardecer de 15 de abril, a FA ataca no setor de Monte Sole e também a artilharia desencadeia nova e poderosa barragem. Após 22h30min, o II

CEx ataca. Em 16 de abril, toma Monte Sole, em 17, Monte Rumici. Prosseguem as operações acusando, em três jornadas de combate, 432 baixas entre os regimentos da 10ª DIMnth. Somente no primeiro dia a cifra chega a 230.

O II CEx encontra sérias resistências no flanco leste sofrendo pesadas baixas, mas acaba conseguindo sucesso. Dentre as GU que constituíam o IV CEx, destaca-se a 34ª DI, uma das mais sacrificadas do V Exército, veterana de toda a campanha e que em 17 de abril completa quinhentos dias de combate!

Em 18 de abril, Tolé é dominada e, assim, a passagem para a Bolonha está livre! Os alemães sofrem forte pressão na frente do VIII Ex.

O Corpo polônês, a cavaleiro da estrada nº 9, entra em Imola e os neozelandeses, à direita, atravessam o Sillaro. Entre os dias 18 e 19 abril, as últimas resistências alemãs que defendem Bolonha são enfrentadas e, afinal, a linha de defesa *Gengis Kan* é rompida. Resistências procuram a todo o custo, em núcleos isolados, defendidos por pára-quedistas alemães, retardar o avanço do VIII Ex que consegue reduzi-las. Agora é a vez de Ferrara, que o Gen Mac Creery desejava enfrentar visando a impedir que o inimigo aproveitasse a linha do Adige para deter o avanço aliado.

O Gen Vietinghoff esforça-se para recuar e, em última instância, utilizar a linha do Rio Pó, entretanto, o Alto Comando Alemão ainda não autoriza o recuo e determina que a resistência prossiga. O chefe alemão sabia que agora seria difícil conseguir tal objetivo, de vez que, ultrapassadas as alturas e contrafortes Apeninos, seria a oportunidade para o emprego de blindados aliados que teriam livre o caminho.

O Gen Truscott, de imediato, lança o 1ª CC Blindado para atacar a oeste do escalão de ataque da 10ª DIMnth, no Vale do Samoggia. Todos os meios de transporte são utilizados para o avanço aliado. As tropas descem das montanhas, inclusive as unidades brasileiras da FEB, para destruir e cercar as GU alemãs que recuam utilizando todos os meios disponíveis. A artilharia aliada desencadeia pesadas barragens de fogos para dificultar o recuo inimigo. Vietinghoff emprega ainda a famosa 90ª Divisão Panzer Grenadier, mas não obtém sucesso. Os americanos e aliados já estavam em toda a parte. O número de prisioneiros alemães é muito grande, causando até transtorno para encaminhá-los aos pontos de coleta escolhidos para sua concentração.

O Gen Von Senger, entretanto, consegue ultrapassar o Rio Pó realizando grande esforço e inclusive dividindo em grupos seu estado-maior. As tropas da 10ª DIMnth com grande rapidez e determinação, quase inesperadamente, chegam às margens do Rio Pó. Os 87ª e 85ª RI da 10ª DIMnth são os primeiros a chegar. O avanço da 10ª DIMnth no Vale do Pó evidenciava o fim da resistência alemã e da *Wermacht* na Itália.

Às seis horas de 21 de abril, os poloneses entravam em Bolonha. A 34ª DI, às oito horas, estava também nos arredores da cidade, onde os partisanos atuam, tomando conta da cidade e executando violentas e drásticas medidas contra os partidários de Mussolini.

A Divisão Sul-africana ultrapassa Bolonha e trava ainda fortes combates ao longo da estrada 9 que vai a Reggio Emilia. Em 19 dias, as tropas aliadas conseguem destruir os alemães, fazendo-os recuar das

alturas dos Apeninos até o Vale do Pó. O quadro da destruição dos exércitos alemães é impressionante. Ao sul do Panaro, materiais de toda a ordem encontram-se abandonados para permitir a fuga das tropas.

A 34ª DI prossegue para Modena (estrada nº 9) que é tomada após duros combates. Os partisanos apossam-se de Gênova e combatem em Milão e Turim.

### **ATUAÇÃO DA FEB NA PERSEGUIÇÃO**

O IV CEx, coberto a oeste pelas tropas da FEB, rompe as defesas inimigas em Tolé, ao mesmo tempo que o II CEx entra em Bolonha e passa a atuar na direção noroeste visando Modena. O VIII Ex, após a ultrapassagem do Argenta, está também em movimento para o Rio Pó.

Nesta altura dos acontecimentos, as tropas da FEB descem das montanhas e são reagrupadas para atuar no novo quadro das operações. Sua missão é proceder a limpeza da margem leste do Panaro e atuar na direção Vila D'Aiano-Zocca-Gainazzo, reconhecendo a frente, em especial as passagens sobre o Panaro. Na região de Zocca, isolados grupos de resistência procuram retardar o avanço, sendo ultrapassados.

O Esq Rec/DIE (FEB), lançado à frente, procura localizar elementos inimigos. A Divisão Brasileira luta agora com extrema dificuldade para executar a perseguição com rapidez, devido à escassez de transporte motorizado. Tem a seu cargo a cobertura do flanco oeste da 1ª DB que enfrenta a localidade de Vignola, atuando entre o Panaro e a Samoggia.

Marano Sul-Parano é alcançada e a limpeza S do Panaro está concluída, não obstan-

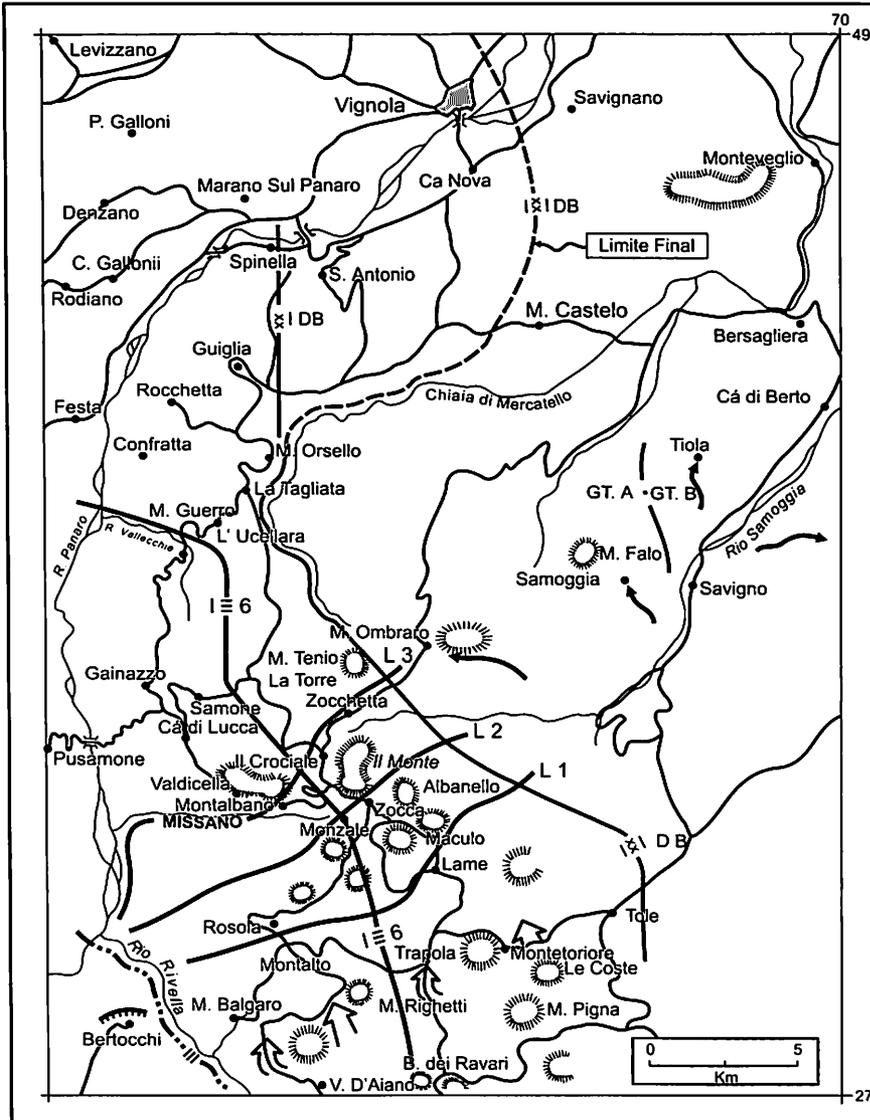
te as destruições das pontes e das passagens principais e a existência de minas.

Os regimentos da FEB, a despeito das dificuldades de transporte que prejudicavam a rapidez das operações, movimentam-se executando o transporte de vaivém utilizando as viaturas dos grupos de Artilharia da AD empregadas em apoio ao avanço das tropas.

É preciso cortar ao inimigo a possibilidade de utilização dos eixos principais das estradas que conduzem às passagens do Rio Pó. Tal é o caso das estradas 62 e 63, que levam a Parma e Reggio Emilia, permitindo a fuga das GU alemãs do Exército da Liguria, o mesmo acontecendo com a estrada nº 12 que liga Lucca a Modena. As informações são importantes e necessárias, pois não há certeza quanto à exata localização e à atitude das forças inimigas que se dirigem às margens sul do Pó.

O IV CEx determina à 1ª DIE que prosiga o movimento para oeste, ao sul do Pó, entre a estrada nº 9 e a 34ª DI, impedindo a fuga das GU alemãs, que buscam ainda atingir os passos principais nas fronteiras da Suíça e da Áustria. A 1ª DIE deveria executar a cobertura do flanco sul, barrando as estradas que atravessam os Apeninos.

O Panaro é transposto e os reconhecimentos são lançados à frente em ligação com a 34ª DI. Os batalhões dos regimentos executam o patrulhamento das estradas e deslocam, quando necessário, suas subunidades em marcha a pé. Entre o Panaro e o Serchio, além de Vignola, o Destacamento Nelson de Melo, organizado para a perseguição, lança o 2º/1º RI ocupando Formige-Arceto-Rivalta; mais ao sul, os batalhões do 11º RI estão em Cádi-Sola, Castelvetro, e o 6º RI têm dois batalhões em deslocamento entre Levizzano e Rodiano.



Limpeza das Vertentes e do Panaro (Situação em 20 de abril de 1945)

Fonte: M.T. Castello Branco - O Brasil na II Grande Guerra

As informações, no tocante ao inimigo, são vagas. Os *partigiani* italianos transmitem informações da existência de efetivos alemães na região de Collecchio a sudeste de Parma. O Esq Rec/DIE é lançado para precisar as informações de que, segundo indicam, haveria ponderáveis efetivos em fuga procurando atravessar o Rio Taro. Afinal, a atuação rápida e eficaz do Esq Rec sobre Collecchio confirma a informação e consegue aferrar as resistências existentes na localidade, agora já contando com o apoio da tropa de Infantaria de subunidades do 6º RI e do 11º RI que enfrentam o inimigo, obrigando-o a ceder terreno. A localidade de Collecchio é tomada, havendo sido aprisionados 395 homens, inclusive 17 oficiais. As subunidades da FEB agiram com determinação ante o desconhecido da situação, encabeçadas pela excelente atuação do nosso Esq Rec.

O combate de Collecchio propicia positivos esclarecimentos quanto à situação do inimigo e a 1ª DIE estava em condições de efetivar o cerco das colunas inimigas, que diziam pertencer a 148ª DI.

O Cmt IV CEx, Gen Crittenberger, endereça mensagem ao Gen Mascarenhas expressando sua confiança na 1ª DIE no sentido de impedir a fuga da 148ª DI para o norte do Rio Pó. Nesta altura dos acontecimentos, a 1ª DIE já estava posicionada fechando as principais passagens das vias de acesso para o norte. O QG/1ª DIE estava situado em Montecchio Emilia, onde, às 12 horas de 27 abril, desembarca de seu avião o Gen Lucien Truscott Jor, Cmt do V Exército, que não consegue avistar-se com o Gen Mascarenhas, na ocasião em Collecchio. Transmitiu, então, ao chefe de EM suas determinações.

Ainda nesta jornada de 27 de abril, o Gen Crittenberger chegava também ao QG

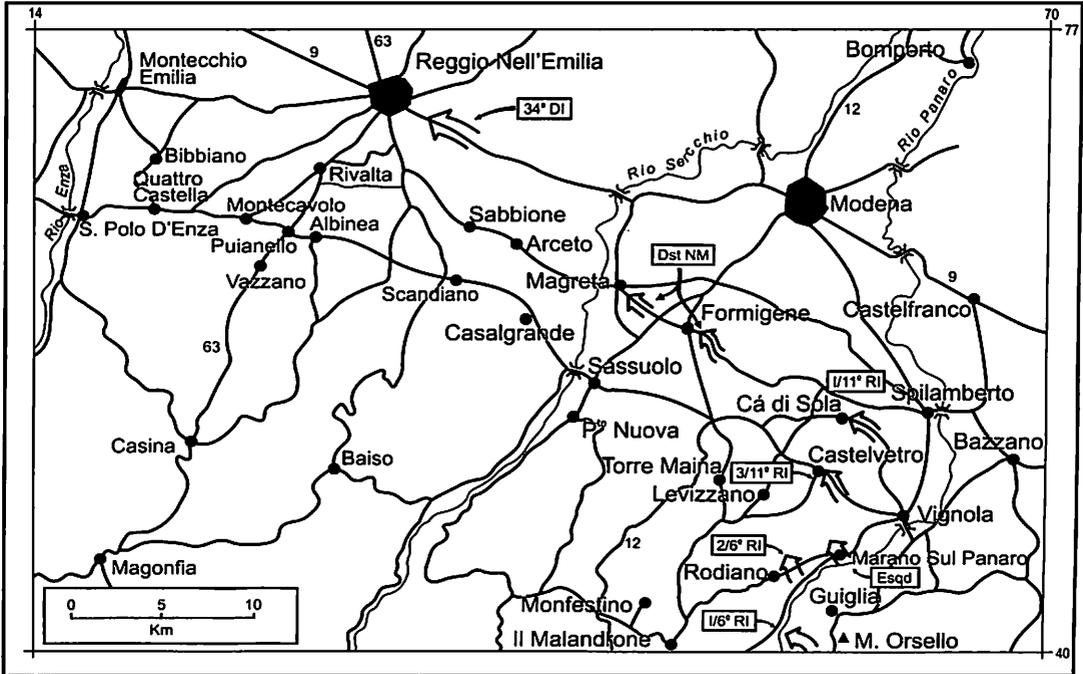
da 1ª DIE, elogiando inicialmente os sucessos da tropa brasileira. Por fim, recomendou o Cmt IV CEx o prosseguimento das operações visando a impedir a fuga da 148ª DI e outras unidades alemãs em retirada para o norte do Pó. Outras informações foram transmitidas no tocante às localidades onde provavelmente estariam situados os efetivos inimigos.

O Cmt da 1ª DIE determina ao Cmt do 6º RI o controle da operação, que tinha como objetivo principal buscar efetivo contato com as unidades alemãs e forçá-las à rendição. Isso posto, há informações da existência e deslocamento de forças alemãs para Respicio, ao sul de Fornovo, na passagem sobre o Rio Taro. O 2º/11º RI seria substituído em Collecchio pelo 1º/6º RI a partir das 12 horas de 28 abril.

O 2º Batalhão/6º RI é deslocado de Maniano para S. Vitaleneviano di Rossi, às margens do Baganza, enquanto o 3º/6º RI se posiciona em Felino com elementos ao norte da margem oeste do Taro na região de Bosconcelo. A noroeste está o 2º/1º RI ocupando Salsomaggiore. O Esq Rec atravessa o Taro e enfrenta resistências em Felegara, apoiado pela 3ª/6º RI.

O comando da operação aproveita o oferecimento do pároco de Neviano di Rossi, D. Alessandro Cavalli, para ser enviado junto às tropas alemãs, como portador de ultimato exigindo a rendição dessas forças. Em 27 de abril, pela manhã, é enviado o emissário e fica estabelecido prazo de duas horas para a resposta. Os alemães, entretanto, respondem com evasiva, alegando aguardar decisão do comando superior.

À vista do impasse, o comando brasileiro desencadeia o ataque às 18 horas de 28 abril. As subunidades do 1º/6º RI ata-



Fase inicial da perseguição (Situação da 1ª DIE e 34ª DI - 23/04/45) – Fonte: M.T. Castello Branco – O Brasil na II Guerra Mundial

cam partindo de Collecchio nas direções de Gaiano e Segalara. Os alemães reagem em particular frente a Gaiano. Há baixas, inclusive do Cap S3/1ª RI/6ª RI, Ernani Airosa. A situação ainda não está sob controle. Ao sul, o 2ª/6ª RI cerra sobre Respicio. Ao anoitecer, o combate perde impulso e, por volta das 22 horas, apresentam-se ao comando brasileiro, na região de Gaiano, três parlamentares alemães, comandados pelo Maj Kuhn, chefe de EM/148ª DI alemã. Inicialmente, as negociações pareciam difíceis, mas, finalmente, os alemães cedem aceitando os termos de “rendição incondicional” propostos pelo comando da 1ª DIE. São fixados os pontos de coleta de prisioneiros em Ponte Scodonga e Segalara e a hora para início da operação a partir das 17 horas de 29 de abril. Ao início da operação de rendição, os alemães ainda tentaram estabelecer novas

condições, sendo, então, repelidos pelo próprio Cmt Gen Mascarenhas que se encontrava em Ponte Scodonga.

A rendição dos efetivos da 148ª DI alemã, incluindo remanescentes da 90ª Divisão Panzer e Divisão Bersaglieri Itália, totalizando 14.779 prisioneiros, milhares de viaturas auto e hipomóveis, armamento e demais materiais constituiu impressionante espetáculo. Os generais comandantes da 148ª DI, Otto Fretter Pico, e da Div. Itália, Mário Cadorna, apresentaram-se ao Cmt da 1ª DIE, Gen Mascarenhas, que determinou seu encaminhamento ao QG do IV CEx.

A conduta e o aspecto final dos efetivos alemães impressionaram pela postura e pelo enquadramento, demonstrando, mesmo na derrota, a disciplina de verdadeiros soldados.

Após o resultado altamente elogioso do cumprimento dessa missão, foram orga-

nizados, pelo Cmdo da FEB, três GT (Grupos Táticos) visando prosseguir na direção norte e noroeste. O Esq Rec lança-se para oeste e estabelece ligação em Turim com autoridades americanas e italianas. O 1º/11º RI alcança Suza e entra em ligação com as tropas francesas da 27ª DI, também em perseguição ao Exército da Liguria.

### FINAL DA CAMPANHA NA ITÁLIA

Os Exércitos Aliados, o V Ex Americano (Gen Truscott) e o VIII Ex Britânico (Gen Mac Creery), levam de vencida as forças alemãs da Wehrmacht, que enfrentavam no território italiano. A ruptura das linhas de defesa dos Apeninos permitira a arrancada para o Vale do Pó.

Os alemães manobram ainda procurando retardar o avanço aliado visando à ultrapassagem do Rio Pó, o que lhes permitiria a fuga através dos passos existentes nas fronteiras da Suíça e da Áustria.

Núcleos de resistência em verdadeira missão de sacrifício, executando destruição de pontes, passagens e combates isolados, ainda teimavam em oferecer entraves à progressão dos Aliados através do Vale do Pó.

O IV CEx rompera a frente de Tolé e com a 10ª DIMnth conseguira chegar com rapidez e determinação às margens do Rio Pó. As destruições retardaram o avanço, mas não impediram o sucesso das operações. Todos os esforços foram desencadeados para conter a fuga dos alemães para o norte. Os brasileiros cumpriram a missão cobrindo o flanco do IV CEx e executando movimento norte-noroeste cortando a oportunidade do inimigo de alcançar o Rio Pó.

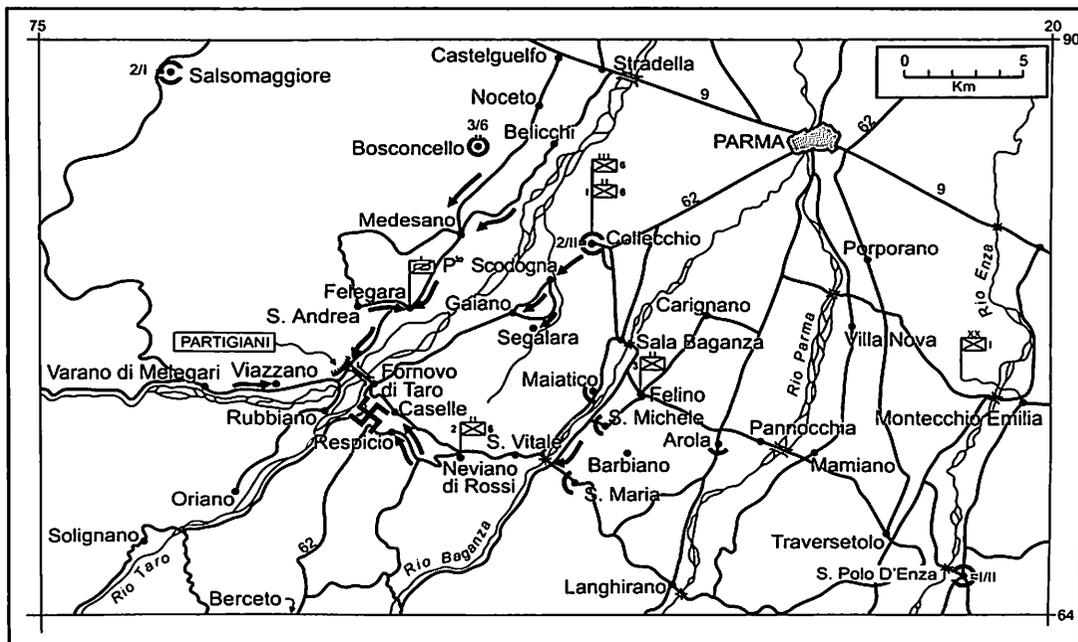
Transposto o Rio Pó, utilizando pontes de circunstância lançadas pelas tropas de

Engenharia do IV CEx, a 10ª DIMnth lança-se para o norte e ainda encontra resistências isoladas que procuram tolher sua progressão. Em toda a região, o clima é de vitória e os partisanos desenvolvem sua atuação denunciando a existência dos núcleos alemães e, mais que tudo, tomando a si a reorganização provisória dos governos das diferentes localidades e realizando ações de vingança e perseguição aos simpatizantes e colaboradores fascistas e alemães.

O VIII Ex, após a ultrapassagem do Argenta, também, em movimento para o Pó, ao longo da estrada 16, ultrapassa Ferrara e enfrenta por seu turno as últimas resistências dos alemães. Entretanto, a derrota é fato consumado. Em 25 de abril, o Gen Von Schewerin rende-se com o restante dos efetivos do LXXVI Corpo Ex. São 14 mil prisioneiros com todo seu material e armamento. O quadro da rendição e do abandono de material de toda a natureza é semelhante ao verificado na frente do V Ex.

Os ingleses transpõem o Pó em Veneza e, logo após, o Presidente Truman ordena a captura de Trieste. Era o resultado da insistência de Churchill que visava impedir a atuação de Tito. O Gen Alexander, comandante do Teatro de Operações do Mediterrâneo, determina a ocupação de Trieste. Os iugoslavos relutam, mas, afinal, os alemães entregam-se aos ingleses e, assim, a Veneza Giulia permaneceria italiana. Churchill conseguira alijar a influência de Tito. Visão política do grande estadista inglês!

Ao norte do Pó, a 10ª DIMnth aumenta a cabeça de ponte e progride resolutamente para o norte. À noite de 25 abril, o Gen Hays recebe ordens de alcançar o Passo de Brenner. O 85º e o 87º RI estão ao norte do lago de Garda e, logo após, o 86º está



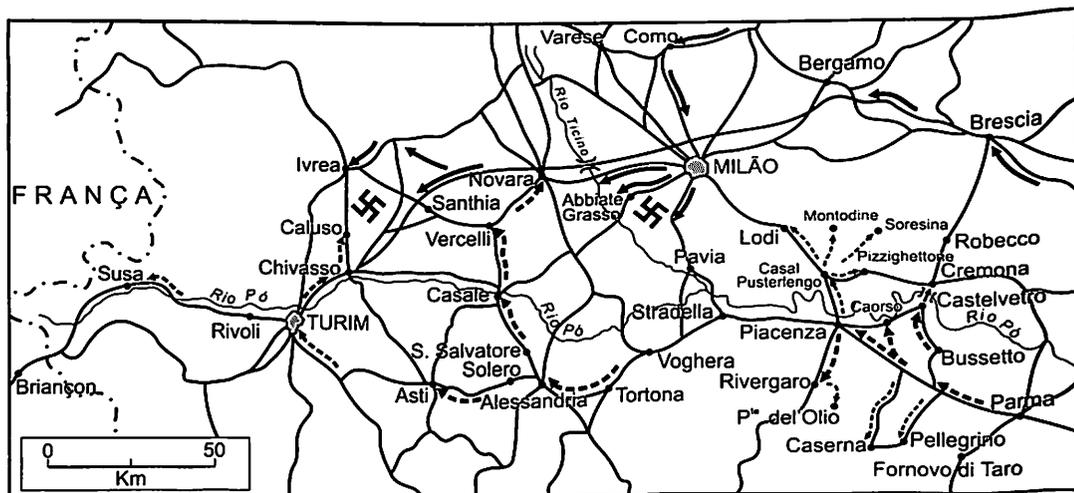
Cerco da 148ª Divisão Infantil Alemã (Jornada de 28 abril de 1945) – Fonte: M. T. Castello Branco – O Brasil na II Guerra Mundial

em progressão enfrentando, ainda, alguma resistência alemã.

As principais cidades ao norte da Itália são palco de dramáticas lutas e vinganças desencadeadas pelos grupos de partisans. Haviam sido apoiados e incentivados desde a invasão pelos Aliados. Como guerrilheiros, em grupos organizados, prestaram excelentes serviços de informações e também de sabotagem contra o invasor alemão. Entretanto, havia também a luta política interna: fascistas e não fascistas, sendo que os últimos desses grupos estava, agora, cada vez maior com a vitória dos Aliados. Auxiliaram os Aliados, mas tiveram de ser contidos para que fosse possível a reorganização do país. Um exemplo que concretiza tal atividade foi, sem dúvida, a captura, em 28 de abril, de Mussolini e de seu grupo pessoal, aí incluída sua amante Clara Petacci. Foram entregues seus corpos,

após a captura, ao “governo partiano” de Milão, que os colocou em exposição, pendurados de cabeça para baixo em uma praça da cidade!

Os efetivos alemães em retirada para o norte foram sendo aprisionados. Em Milão, os remanescentes das forças SS alemãs, da ordem de dois mil homens, e parte da brigada fascista, desfalcada pelo grande número de desertores, também o foram. A sudoeste da cidade, rendem-se o Gen Jahn e o restante do CEx da Lombardia. A rendição do CEx da Liguria foi mais complicada devido à relutância do Gen Schlemmer que tinha seus efetivos concentrados a nordeste de Turim, entre as cidades de Ivrea-Sanctithia-Chivasso. O LXXV CEx tinha condições de combater e seu Cmt Gen Schlemmer declarou que só entregaria as suas armas após o conhecimento do destino do Fuhrer. Interessante que seu subcmt Gen Pemsel já se



Cerco do Exército da Liguria 1ª DB (EUA) N. do Pó e 1ª DIE ao S. (28 de abril a 24 de maio de 1945)  
 Fonte: M.T. Castello Branco – O Brasil na II Guerra Mundial

entregara ao Cmdo do IV CEx, tendo assinado até o termo de rendição, não acatado por Schlemmer. Afinal, Schlemmer acaba por assinar a rendição. O efetivo total era da ordem de quarenta mil homens. Daí, conclui-se o grande trabalho das GU aliadas para encaminhar e providenciar o destino de homens, materiais e manutenção (rações) para todos, inclusive apoio de saúde.

Os acontecimentos precipitam-se e nos últimos dias de abril, a 1ª DIMth ainda anulava algumas resistências isoladas ao norte do Lago de Garda.

Nessa ocasião, em 1º de maio, o Cel Darby, comandante da *Task Force*, organizada em cumprimento de ordens do Gen Hays para desimpedir o caminho até o Passo de Brenner, é vitimado por estilhaços de granada de artilharia alemã, após deixar o local onde se reunia com o Cmt do 86º RI! Ele seria com certeza uma das últimas vítimas da guerra na Itália!

Em 2 de maio de 1945, é assinada a rendição total das forças alemãs na Itália e cessavam as operações. A guerra terminara!

## COMENTÁRIOS FINAIS

O estudo que realizamos exigiu grande esforço de memória para revivermos os dias que passamos, pois já se vão mais de cinquenta anos, integrando uma companhia de fuzileiros do 2º Batalhão do nosso glorioso Regimento Sampaio.

De outra parte, foi possível colher preciosos ensinamentos da leitura vibrante, por meio dos quadros da realidade do combate e da guerra dos Exércitos Aliados, entre 1944 e 1945, na campanha da Itália.

O estudo deu-nos o conhecimento das diversas fases das operações, desde o desembarque ao sul da Península em setembro de 1943 e, especialmente, ao norte de Roma.

Tendo vivido parte dessas operações, da linha do Reno até o Rio Pó, foi possível reunir algumas observações históricas interessantes e aduzir alguns detalhes no que respeita à nossa Força Expedicionária Brasileira (FEB). É claro que ao descrever as operações de dois grandes Exércitos Aliados, o V Exército americano e o VIII Exér-

cito britânico, os comentários sobre a FEB não são extensos. A pesquisa do autor, ao que tudo indica, foi realizada à base das publicações e registros históricos dos Exércitos Aliados.

Na bibliografia citada aparece o livro *A FEB pelo seu Comandante*, da autoria do nosso Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes. É verdade que os generais Crittenberger e Truscott nos dão notícias da participação brasileira nas publicações que nos chegaram às mãos.

Em nossa opinião, os fatos do comportamento humano, as atitudes e os relatos daqueles que, com suor e sangue, viveram a campanha são diferentes e, no que diz respeito à FEB, a maior parte foi perdida pela falta de comprovação de seus arquivos, todos escritos em português. A língua foi, sem dúvida, um dos maiores obstáculos de nossos chefes no transcorrer das operações. A utilização de intérpretes nunca pode ser comparada à facilidade dos entendimentos e das decisões quando se possui o domínio do idioma. Àquele tempo, a língua oficial e de maior uso era o francês, o mesmo acontecendo quanto à sua doutrina militar e à orientação de nossas escolas militares. Além disso, as próprias condições geográficas do País colocavam o Brasil distante da possibilidade de utilização normal da língua inglesa. Estudávamos, sim, rudimentos de inglês, francês e até alemão, em nossos cursos de ginásio, porém, com o tempo, iam sendo esquecidos. Poucos oficiais dominavam idiomas estrangeiros. Essa verdade cresce de vulto entre os escalões de menor graduação. Os descendentes de alemães e italianos, particularmente da Região Sul do Brasil, constituiriam os núcleos, onde, com maior fa-

cilidade, encontraríamos alguma disponibilidade de homens e quadros dominando idiomas estrangeiros.

O "Exército Poliglota", no dizer do Cmt do V Exército, Gen Mac Clark, conseguiu fazer-se entender e chegar ao fim da jornada. A guerra era mundial e, por conseguinte, não seria possível, então, como não o será, em qualquer tempo, a existência ou utilização de um idioma universal. O mesmo aconteceu, no que respeita à necessidade de atender, digamos, aos diferentes cardápios da totalidade das tropas. Daí, os brasileiros clamarem pelo café, feijão preto, arroz, mais açúcar e gordura em suas cozinhas. O inglês dá preferência ao chá, os indianos não utilizam gordura de origem animal (gordura de porco, tal o caso daqueles de religião muçulmana e judeus).

A doutrina militar também era diferente. Os brasileiros tinham sido instruídos à base da doutrina francesa. Americanos e ingleses, por sua parte, também apresentavam diferenças. Os ataques americanos, ao longo de toda a frente, não eram do agrado dos ingleses. A liberalidade e a pletora de suprimentos não existiam no âmbito do VIII Exército. A mobilização do potencial americano foi, sem dúvida, fator preponderante para a derrota alemã. Os Estados Unidos, no ar, no mar e em terra, colocaram em pé de guerra numerosos efetivos e atenderam às suas necessidades de suprimentos, inclusive enviando-os à Rússia. As tropas brasileiras, acostumadas a regime de parcimônia, em todos os sentidos, ficaram, a princípio, perplexas com a mudança. É claro que para melhor.

A FEB teve de se adaptar à nova situação: ao clima, às rações, aos novos armamentos e materiais. A doutrina, a nova or-

ganização das unidades e o armamento foram sendo conhecidos e entraram no contexto das rotinas a serem seguidas durante a campanha. Antes da travessia para além-mar, exemplares do novo material bélico foram distribuídos às unidades, incluindo-se os de manuais de campanha, onde constavam as atribuições, encargos e desempenho das armas e serviços. O emprego dos GT (Grupamentos Táticos - TASK FORCE) aparece como grande novidade e os regimentos de Infantaria têm acrescido seu potencial em homens, armamentos e emprego tático. Há que se destacar a maior facilidade de ligação Infantaria-Artilharia pela utilização dos observadores avançados. É ponto de capital importância citar a motorização das unidades, com o emprego de viaturas auto. A tração animal era coisa do passado. A versatilidade das “viaturas jipe” e dos potentes caminhões de transporte GMC de 2,5 toneladas tiveram papel decisivo na construção da vitória aliada. Os excelentes meios de comunicações, somados também ao apoio de saúde, às rações e demais equipamentos distribuídos às tropas, foram, sem dúvida, fatores de realce. É verdade que muitos oficiais frequentaram cursos de pequena duração nos Estados Unidos, mas também é verdade, que nem todos foram incluídos na FEB. O nosso famoso Grupo de Caça foi instruído e equipado nos Estados Unidos.

Thomas Brooks cita a discordância entre os chefes aliados no tocante à invasão do Sul da França - a Operação Dragão que determinou o esvaziamento do V Exército e do VIII Exército, quebrando-lhes o impulso ofensivo e, por conseqüência, retardando a destruição dos alemães na Itália. As diferenças de opinião quanto ao esfor-

ço na realização da ofensiva visando Bolonha foram contornadas pela clarividência de Truscott e Mac Creery.

O tempo de duração da campanha e as dificuldades de recompletamento e substituições de efetivos atingiram ponto crucial após a tomada de Roma. Daí, a importância e o realce da chegada da FEB ao TO, a partir de julho de 1944. Nessa altura, havia crise de pessoal e suprimentos, e tal acontecimento foi recebido com grande destaque pelo comando do V Ex, que a seguir recebeu a 92ª DI, efetivo de homens de cor preta, fato que mereceu, no decorrer de nosso estudo, extensos comentários.

A inclusão da 10ª DIMnth, a partir de janeiro de 1945, foi fator de grande importância para o V Exército, peça chave no desencadeamento da ação ofensiva. O quadro das deficiências apresentadas, no final do ano de 1944, mudou, e foi possível maior disponibilidade de recursos de toda a ordem à disposição dos comandantes de exércitos. O tempo de permanência na frente das tropas veteranas dos V Exército e VIII Exército, por certo, produziu grande desgaste, pois o rodízio planejado não tinha condições de ser executado. O exemplo da 34ª DI americana, a mais sacrificada do V Exército, que chegou a completar quinhentos dias em combate e foi motivo de ponderações de representantes do Congresso Americano, é uma colocação que se pode somar ao propalado desgaste do Corpo canadense que foi, afinal, transferido para o oeste da França.

De outra parte, é digna de realce a atitude do Corpo polonês, que demonstrou elevado valor moral e provou ser excepcional peça de manobra no desenrolar das operações, desde Casino, além de pos-

suir um valoroso e heróico comandante, o Gen Waldislaw Anders, que merece nossa admiração.

A Força Expedicionária Brasileira, “vinda de país distante, de clima diferente e mostrando em seus efetivos a miscigenação racial”, não foi, como apontou o autor Thomas Brooks, “uma curiosidade para os alemães”. Tanto é assim que os “arianos de raça superior” curvaram-se a eles prestaram seu tributo e admiração, considerando-os heróis, o que foi atestado quando da localização de suas sepulturas após a ofensiva!

De outra parte, ao final da campanha, ao fechar o cerco das GU alemãs que pro-

curavam alcançar as fronteiras da península da Itália, atravessando o Pó, a Força Expedicionária Brasileira obriga à rendição a 148ª Divisão Panzer Grenadier e Divisão Bergaglieri Itália, justamente aquelas que havia enfrentado no início da campanha no Vale do Sercchio!

Finalmente, concluímos, utilizando a afirmação de que a guerra na Itália, considerada a certa altura dos acontecimentos “*como o front esquecido, não foi e não será assim considerada pelas centenas de milhares de homens que lá combateram*” e aos quais deixamos aqui expressas as nossas homenagens! ●

## BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

### Coleção General Benício



#### ***A Compreensão da Unidade do Brasil***

*J. B. Magalhães*

O livro trata da problemática da fragmentação da América espanhola e da unidade da portuguesa quando da sua independência. Analisa fatores como a questão geográfica e de administração (a portuguesa mais descentralizada). A formação militar da América portuguesa diante da necessidade de defesa gerou o aparecimento de elementos militares com treinamento específico e o agrupamento dos que tendiam para separação.